

# Deus e Lógica

Craig S. Hawkins

Tradução de Marcelo Herberts

Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças.

- Marcos 12:30 NVI

## 1. O Exemplo Supremo de Cristo:

A. O emprego da evidência objetiva:

1. Se Jesus, Deus o Filho, a segunda pessoa da Trindade, empregou evidência objetiva para validar, *a fortiori*, suas reivindicações, tanto mais isso vale para você e para mim!
2. Marcos 2:1-5-12
3. João 2:18-21
4. João 10:30-31-32-33, 37-38
5. João 15:24-25
6. João 20:24-29

B. O emprego da razão (argumentação):

1. Mateus 12:24-30
  1. Argumento da analogia (vv. 25-26)
  2. A lei da inferência lógica ou racional (v. 26)
  3. *Reductio ad absurdum* (vv. 25-26)
  4. Argumento da analogia (v. 27)
  5. A lei da inferência lógica ou racional (vv. 28, 29)
  6. Argumento da analogia (v. 29)
  7. A lei da contradição (v. 30)
  8. A lei do terceiro excluído (v. 30)

## 2. Os Apóstolos:

A. O emprego da evidência objetiva:

1. Pedro: Atos 2:14-32-39; 3:6-16; 4:8-14-20
2. Paulo: Atos 26:26; 1 Coríntios 15:1-8
3. O apelo ao testemunho ocular objetivo: Lucas 1:2-4; João 1:14; 19:31-35-36; 20:24, 30-31; Atos 1:1-3; 3:6-16; 4:8-14-20; 9:3-8, 17; 22:6-9, 14; 26:12-18, 26; 1 Coríntios 15:1-8; 2 Pedro 1:16; 1 João 1:1-3, e assim por diante.
4. O emprego da razão-racionalidade:

1. Paulo: Atos 17:2-3, 11, 17, 22-31; 18:4, 19; 19:8-9; 26:25; 1 Timóteo 6:20
2. Apolo: Atos 18:27-28

**Nota: Ordenado por Deus!**

5. *Dialeptomai* é o termo grego usado nas passagens acima.
6. *Dialeptomai*: argumentar, disputar ou arrazoar. BAG: “*discutir, conduzir uma discussão...* de ensaios que provavelmente terminariam em discussões...” Vine: “*pesar diferentes coisas, ponderar*”; então, com outras pessoas, ‘conversar, argumentar, disputar’ ... “*disputar com outros...*” (veja Atos 17:2, 17; 18:4, 19; 19:8-9; Judas 9).
7. Como considerando ou pesando a evidência do preço da caminhonete de uma pessoa em relação à de outra: característica por característica (velocidade 4 vs 5, cavalos de potência, assentos, som, dólar por dólar)

## 3. O Valor da Mente Orientada por DEUS

A. Isaías 1:18; Marcos 12:29-31; Atos 26:25

1. Somos criados na *imago Dei* – à imagem de Deus. Isso inclui, entre outros atributos, a capacidade de raciocinar.

2. Assim, resulta disso o valor da evidência e da razão. Como Charles Hodge nos diz:

“Se o conteúdo da Bíblia não corresponde às verdades que Deus tem revelado nas obras exteriores e na constituição da nossa natureza, ela não poderia ser recebida como vinda d’Ele, pois Deus não pode se contradizer. Nada, portanto, pode ser mais aviltante à Bíblia do que a asserção de que suas doutrinas são contrárias à razão. A suposição de que a razão e a fé são incompatíveis; que precisamos nos tornar irracionais a fim de nos tornarmos crentes, é, como quer que seja pretendida, a linguagem da infidelidade; pois a fé no irracional é necessariamente em si mesma irracional... Podemos crer apenas no que conhecemos, i.e., naquilo que inteligentemente apreendemos.”<sup>1</sup>

#### 4. Empregos da Lógica/Razão

##### A. Emprego Ministerial da Razão

Trata-se do uso da lógica/razão como serva ou “criada” da Bíblia e da teologia. A Lógica/Razão não é colocada no mesmo patamar ou acima da Bíblia, mas ocupa um papel subordinado à revelação de Deus. É esse o papel da razão que aqui defendo.

##### B. Emprego Magistral da Razão

Esse é o emprego da lógica/razão no mesmo patamar ou mesmo acima da Bíblia. Aqui, lógica/razão (de um indivíduo ou de um grupo) é supostamente o juiz, árbitro ou autoridade final da verdade. Não é esse papel da razão que eu estou defendendo. Trata-se de um uso incorreto – abuso – da razão.

##### C. Antiintelectual

Essa é a posição de rejeição ou negação completa do papel da razão/lógica na apologética e nos outros pontos do Cristianismo. Infelizmente essa é a visão que muitos cristãos, intencionalmente ou não, defendem.

#### 5. Deus nos deu uma mente e espera que a usemos (Marcos 12:29-31)

A. Não é verdade que a mente é uma coisa terrível, “e, portanto, desperdicemo-la”.

B. A natureza emocional da humanidade é tão caída quanto o seu intelecto. Então, igualmente, não devemos exaltá-la na conversão.

C. *Se formos glorificar a Deus enquanto cristãos e compartilhar o Evangelho com outras pessoas, não devemos ignorar ou desconsiderar de forma não-escriturística a importância da mente na pregação do Evangelho.*

D. Trata-se realmente de uma forma de falsa humildade ou espiritualidade, e deveria ser denunciada pelo que ela é – não-bíblica e ofensiva a Deus!

#### 6. Definição de Lógica

A. Antes de avançar, precisamos definir *lógica*.

1. “Lógica é o estudo dos métodos e princípios empregados para distinguir os raciocínios bons (corretos) dos ruins (incorretos).”<sup>2</sup>

2. É o estudo das leis ou princípios do pensamento ou raciocínio, não sendo meramente reflexão ou pensamento *per se*, mas o tipo de reflexão ou pensamento que chamamos de raciocínio. Irving Copi fala que “A distinção entre raciocínio correto e incorreto é o problema central com o qual se ocupa a lógica.”<sup>3</sup>

3. Norman Geisler e Ronald Brooks nos dizem que “*Lógica é o estudo da razão sólida ou das inferências válidas e das falácias presentes, formais e informais.*”<sup>4</sup> (ênfase no original).

#### 7. A Natureza e a Necessidade da Lógica

A lógica é inegável, inevitável, auto-evidente ou auto-explicativa. Ninguém pode não usá-la. Uma pessoa deve usá-la a fim de rejeitá-la. Todas as reivindicações para sua rejeição são auto-contraditórias, refutadas ou auto-invalidáveis. As quatro leis ou princípios da

<sup>1</sup> Charles Hodge, *Systematic Theology*, 3 vols., reimpressão (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 1:83-84.

<sup>2</sup> Irving M. Copi, *Introduction to Logic*, 7th ed. (New York: Macmillan, 1986), 3.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 5.

<sup>4</sup> Norman L. Geisler and Ronald M Brooks, *Come Let Us Reason: An Introduction to Logical Thinking* (Grand Rapids: Baker Book House, 1990), 12.

lógica/razão são inestimáveis! Nós precisamos conhecer e fazer uso devido da lógica. Nós precisamos treinar a nós, aos nossos filhos e a igreja a usar a lógica corretamente.

#### A. A Inevitabilidade da Lógica

Por maior que seja a retórica de alguém contra a lógica, ninguém pode deixar de usar a lógica. É impossível pensar ou envolver-se em qualquer tipo de diálogo coerente e não usar a lógica. As leis ou princípios da lógica são o que se chama primeiros princípios – primeiros princípios de epistemologia. A lógica é indispensável por pelo menos cinco razões.

1. Os princípios primários ou leis da lógica/razão são primeiros princípios de epistemologia.

a. Peter Angeles explica, entre outras coisas, que primeiros princípios são “Declarações (leis, razões, regras) auto-evidentes e/ou fundamentais para a explicação de um sistema e aquilo de que depende o sistema para ser consistente e coerente.”<sup>5</sup>

b. Isto é, não há proveito “por trás” ou “em torno deles”.

c. São axiomáticos ou auto-evidentes.

d. Isto é, nós não podemos não usá-los (veja pontos 2 e 3).

2. Segundo, a própria distinção entre verdadeiro e falso, ou aplicável ou não aplicável, somente existe ou tem sentido se a lógica é verdadeira ou aplicável. Sem a lógica (e.g., a lei da não-contradição) não existiria tal coisa ou conceito de verdadeiro ou falso. Então, não poderiam ser declarações verdadeiras ou falsas em primeiro lugar, assim como a lógica não é verdadeira ou falsa em sua aplicação num dado contexto. Isso porque a lei da (não-) contradição “... em si traça a linha entre verdadeiro e falso. Assim, não podemos chamá-la de falsa sem já não assumirmos a sua veracidade (Geisler e Brooks, 16)”. O mesmo é verdadeiro com respeito às outras leis da lógica. Como Geisler e Brooks nos dizem:

A lógica é erigida sobre quatro leis inegáveis. Não há como “ficar por trás” dessas leis para explicá-las. Elas são auto-evidentes e auto-explicativas. Igualmente, não há como contorná-las. A fim de rejeitar qualquer dessas declarações, a pessoa deve assumir o próprio princípio que busca negar. Mas se você precisa assumir que algo é verdadeiro para dizer que é falso, não conseguiu um caso muito bom, não é?

Por exemplo, segundo a *lei da não-contradição* (A não é não-A) duas declarações contraditórias não podem ambas ser verdadeiras ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Ora, se alguém tentou negar isso e disse “A lei da não-contradição é falsa”, ficou com um problema. Sem a lei da não-contradição não há tal coisa como verdadeiro ou falso, pois essa lei em si traça a linha entre verdadeiro e falso. Assim, não podemos chamá-la de falsa sem já assumir que ela é verdadeira. O mesmo se dá quando alguém tenta negar as outras leis: a *lei da identidade* (A é A), a *lei do terceiro excluído* (A ou não-A), e a *lei da inferência racional* (ênfase no original).<sup>6</sup>

3. Terceiro, além do mais, o significado de uma declaração (sem falar da sua significância ou veracidade) depende da lógica. Se a lógica não é verdadeira ou aplicável ao tópico em questão, a declaração é sem sentido. Uma declaração muito significativa ou com significância existe apenas porque a lógica é verdadeira ou aplicável. De outro modo, a declaração poderia ou de fato seria verdadeira e não-verdadeira ou aplicável e não-aplicável, dado que não seria mais verdadeiro que declarações não podem ser verdadeiras e não-verdadeiras (falsas) ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Então, alguém poderia muito bem dizer que “lógica é verdadeira ou aplicável ao tópico em questão” no mesmo fôlego que faria a declaração anterior, ou “Eu verei você na quarta e não verei você na quarta” etc. Assim, negar a lógica ou declarar que ela não é verdadeira ou aplicável somente tem sentido se a lógica se aplica à declaração original. Mas isso refuta a alegação original.

Portanto, qualquer declaração ou reivindicação somente tem sentido, significado ou veracidade *a fortiori*, se e apenas se a lógica se aplica ou é verdadeira. Logo, a alegação que “a lógica não é verdadeira ou aplicável” é sem sentido a menos que a lógica seja verdadeira, mas nesse caso a alegação original é falsa, de fato, auto-refutável.

<sup>5</sup> Peter A. Angeles, *Dictionary of Philosophy* (New York: Barnes and Noble, 1981), s.v. “first principles.”

<sup>6</sup> Norman L. Geisler and Ronald M. Brooks, *Come Let Us Reason: An Introduction to Logical Thinking* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990), 16.

4. Quarto, para negar ou tentar refutar a necessidade pela lógica, a necessidade da lógica, ou a veracidade da lógica, a pessoa deve primeiro usá-la, assim contradizendo a sua afirmação original. Ela precisa usar a lógica na tentativa de refutá-la ou mesmo negá-la. Se ela precisa usar a lógica no esforço de refutá-la, o argumento é evidentemente não-verdadeiro. Com isso ela tem apenas provado a veracidade e a aplicabilidade da lógica (ironicamente, na própria tentativa de refutar essas duas coisas).

a. Negar a lógica ou dizer que ela é falsa ou não-verdadeira ou aplicável num dado contexto, requer o uso da lógica na própria asserção (assim, é verdadeira e aplicável). É como uma pessoa que diz “Eu não posso falar uma palavra em português”. Mas ela acabou de fazê-lo. Ela deveria deixar de falar português ou se retratar da declaração original. A declaração original é falsa, de fato auto-refutável.

b. Outros exemplos de alegações dessa natureza:

i. “A lógica não se aplica a esse assunto.”

ii. “Este assunto, visão ou domínio, está ‘além’ da lógica.” A idéia é que o alcance da lógica simplesmente não se estende a esse assunto.

iii. “Isso não é nada mais que um preconceito ou perspectiva ocidental contra a oriental ou aristoteliana, sobre a lógica. A idéia é que alguém está insistindo pela perspectiva de uma cosmovisão ocidental, ao passo que ignora, age em detrimento de uma visão mística ou oriental.

iv. “Essa é a perspectiva “espiritual” contra a mundana.”

v. “Trata-se apenas do domínio da racionalidade ou lógica contra o domínio da emoção.”

vi. “Trata-se do ponto de vista de um estado de consciência normal contra um estado de consciência alterado.”

vii. “Trata-se do caso de uma divergência entre este plano ou nível da realidade ou existência e outros planos.”

viii. “Trata-se apenas de uma divergência entre esse nível de significado e outros níveis.”

ix. “A lógica não é verdadeira.”

x. Essa é uma perspectiva moderna versus pós-moderna.

xi. Todas essas alegações são baseadas na lógica em primeiro lugar.

c. A lógica é inegável; não é possível não usá-la.

d. Assim, negar a lógica ou asseverar que ela não é verdadeira (i.e., falsa) ou aplicável, é algo que em si mesmo baseia-se na lógica. A declaração ou distinção é construída ou declarada debaixo da lógica. A lógica teve de ser empregada na formulação da declaração. A declaração “a lógica não se aplica” envolve a distinção “a lógica não se aplica” versus “a lógica se aplica”. Contudo, é possível fazer essa distinção apenas por causa das leis da lógica. Assim, a lógica é – precisa ser – verdadeira ou aplicável. Mas isso é auto-refutável ou refuta a alegação original.

5. Quinto, não é possível deixar de usar a lógica no mundo real. Tente se deslocar de carro até o armazém negando a validade da lógica. (De fato, qual armazém? Aquele que está e que não está ali?) Uma pessoa não pode atravessar os trilhos do trem sem ela. Da próxima vez que você estiver cruzando um trilho, com um trem aparentemente reduzindo a velocidade na linha, imagine-se pensando que o trem está e não está ali. Você faria isso? Não! Tente isso no mundo “real”. A lógica é necessária, indispensável na vida. Uma pessoa não pode literalmente viver (por muito tempo) sem ela!

a. Exemplo: Francis Schaeffer, o estudante hindu e o bule de chá...

b. Exemplo: O cientista cristão que tenta lhe dar um livro que não está aí...

c. Exemplo: O hindu ou o cientista cristão, que olha para os dois lados antes de atravessar a rua... Por que eles olham para os dois lados antes de atravessar a rua?

## B. Auto-refutável

1. Todas as tentativas de negar ou refutar a lógica fracassam. Elas são asserções falsas (de fato sem sentido ou absurdas), auto-contraditórias ou auto-invalidáveis.

2. Os termos de uma declaração ou proposição que não cumprem ou satisfazem a si mesmas – seus próprios critérios ou exigências (ou aceitabilidade),<sup>7</sup> incluem: auto-anulação, auto-refutação, auto-invalidação, absurdo auto-referenciado ou absurdidade auto-referenciada. Exemplos de alegações auto-refutáveis incluem:

- a. Uma pessoa dizendo “Eu creio e não creio na lógica” ou “a lógica é e não é verdadeira” (ao mesmo tempo e no mesmo sentido).
- b. Uma pessoa dizendo “eu sou e não sou ateu”.
- c. Uma pessoa que alega “crer e não crer no pós-modernismo” ou “crer e não crer que o pós-modernismo é verdadeiro”.
- d. Uma pessoa dizendo “eu sou e não sou aderente da Nova Era” ou “eu sou e não sou neo-pagão”.
- e. Uma pessoa dizendo “eu sou e não sou cristão”.
- f. Uma pessoa dizendo “Jesus é e não é Deus” (a segunda pessoa da Trindade).

3. As alegações absurdas expostas acima são lógica e ontologicamente equivalentes às alegações que:

- a. Uma pessoa que acredita em “círculos quadrados”.
- b. Uma pessoa escrevendo “Eu não posso escrever uma palavra em português”.
- c. Uma pessoa dizendo “Todas as declarações que eu faço são falsas”.
- d. Uma pessoa reivindicando que “todas as sentenças contendo mais de cinco palavras são falsas”.
- e. Uma pessoa exprimindo “Eu somente irei crer naquilo que pode ser provado pelo método científico!”
- f. Uma pessoa dizendo “meu irmão é filho único.”

4. Ronald Nash diz: “... uma negação da lógica tem conseqüências não apenas para a epistemologia e para a metafísica, mas também para a ética. Se todas as asserções são verdadeiras, não existe diferença entre caminhar até uma cidade vizinha e caminhar sobre um despenhadeiro; entre tomar leite e ingerir arsênio. Mas obviamente *há* diferença.”<sup>8</sup>

5. Assim, se a lógica não é verdadeira ou transculturalmente aplicável, A pode ser não-A ao mesmo tempo e no mesmo sentido, e assim, por exemplo, a posição pós-moderna é igual à cristã ortodoxa. Ou, que o pós-modernista não defende o pós-modernismo. Mas mesmo o pós-modernista acredita nisso. Ele acertadamente asseveraria nesse caso que a sua visão não é a nossa visão – e esse é o porquê de estarmos discutindo com ele em primeiro lugar. Ele também não declararia que mantém e não mantém premissas do pós-modernismo. Isso é absurdo, mas é o que sucede quando alguém nega a aplicabilidade universal e a veracidade da lógica. Pela graça de Deus precisamos tentar ajudar os pós-modernistas e outros que negam a validade universal da lógica a perceberem as implicações das suas visões.

C. A lógica é a camisa de força da vida para aqueles que argumentam insanamente ou, pelo menos mentalmente, recusam-se a viver no mundo real!

D. Uma pessoa não pode nem mesmo atravessar a rua, sem falar na via metafísica, sem usar a lógica.

E. A lógica é indispensável – ponto. Além do mais, é uma ferramenta incalculável para dismantelar as visões não-cristãs. Precisamos conhecer a lógica e tornarmo-nos competentes em seu uso.

F. Os três “Cs” da Lógica:

Nós não podemos compreender, sem falar em confirmar e sem falar em conformar (sujeitar) os nossos pensamentos e vidas à revelação de Deus, sem o emprego da Lógica.

1. Compreensão (ou Apreender)

Se uma pessoa não pode apreender o conteúdo do Evangelho, certamente não pode entendê-lo, e *a fortiori* não pode crer nele!

- a. Declarações e crenças ilógicas ou auto-contraditórias são incompreensíveis no sentido de serem absurdas. Não se crê em asserções

<sup>7</sup> J.P. Moreland, *Scaling the Secular City* (Grand Rapids: Baker, 1987), 90-91.

<sup>8</sup> Ronald Nash, *The Word of God and the Mind of Man* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1982), 105. Veja também 105-07. Gordon Clark está de pleno acordo com Nash.

absurdas, sejam religiosas ou “seculares”. São vistas e rejeitadas com base no que são – absurdas.

b. Segue, portanto, que razão e lógica são necessárias para proposições racionais e inteligíveis, que são uma pré-condição necessária para a comunicação da verdade às pessoas. A verdade precisa ser lógica para ser apresentada à mente de uma pessoa na forma de reflexões inteligíveis, e assim possa ser acatada ou rejeitada. Como Charles Hodge colocou com precisão:

Em primeiro lugar, a razão é necessariamente pressuposta em toda revelação. Revelação é a comunicação da verdade à mente. Mas a comunicação da verdade presume a capacidade de recebê-la. A revelação não pode ser feita a estúpidos ou idiotas. Verdades, para serem recebidas como objetos de fé, precisam ser intelectualmente apreendidas... O primeiro e indispensável ofício da razão, portanto, em matéria de fé, é a cognição ou apreensão inteligente das verdades apresentadas à nossa percepção.<sup>9</sup>

## 2. Confirmação

a. Uma vez que Deus não se contradiz ou pede que creiamos em contradições ou naquilo que é inerentemente auto-contraditório (veja, e.g., 1 Timóteo 6:20), as revelações que dEle procedem não irão contradizer revelações previamente dadas, ou mesmo os processos de raciocínio sólido para compreensão dessas revelações. Hodge nos diz:

Se o conteúdo da Bíblia não correspondesse às verdades que Deus nos tem revelado em suas obras exteriores e na constituição da nossa natureza, não poderia ser recebido como vindo dEle, pois Deus não pode se contradizer. Nada, portanto, pode ser mais aviltante à Bíblia do que a idéia de que as suas doutrinas são contrárias à razão. A suposição de que a razão e a fé são incompatíveis; que nós precisamos nos tornar irracionais a fim de nos tornarmos crentes, é, não importa como for pretendido, a linguagem da infidelidade; pois a fé no irracional é por necessidade em si mesma irracional... Nós podemos crer somente no que conhecemos, i.e., naquilo que apreendemos com inteligência.<sup>10</sup>

b. Assim, num sentido, a razão é o purgante apropriado para julgar a probidade de uma dada revelação. Isto é, antes que uma dada revelação de Deus seja aceita, nós precisamos discernir se de fato ela provém dEle. Novamente, Hodge falou conclusivamente sobre essa questão:

É impossível que Ele exigisse de nós cremos naquilo que contradiz alguma das leis da crença que Ele imprimiu na natureza [i.e., as leis do pensamento ou da lógica<sup>11</sup>]... A fé inclui uma afirmação da mente de que algo é verdadeiro. Mas é contraditório dizer que a mente pode afirmar ser verdadeiro aquilo que ela percebe que não é possível ser verdade. Isso seria afirmar e negar, crer e não crer, ao mesmo tempo... O último terreno da fé e do conhecimento é a confiança em Deus. Nós não podemos crer e conhecer qualquer coisa a menos que confiemos nessas leis de crença que Deus implantou em nossa natureza. Fosse o caso de se exigir de nós cremos naquilo que contradiz essas leis, os fundamentos seriam desintegrados. Todas as distinções entre certo e errado desapareceriam... e nos tornaríamos vítimas de qualquer enganador astuto, ou ministro de Satanás, que, por operar maravilhas, nos intimaria a crer em sua mentira.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Hodge, *Systematic Theology*, 1:49.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 3:83-84.

<sup>11</sup> Para uma discussão excelente sobre a relação entre as verdades bíblicas e as leis do pensamento ou da lógica, consulte a fita de Norman Geisler, "The Relation of Logic and Christian Theology," (Dallas: Quest Tapes, n/d). Também consulte R.C. Sproul, John Gerstner, e Arthur Lindsley, *Classical Apologetics: A Rational Defense of the Christian Faith and a Critique of Presuppositional Apologetics* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), 72-82.

<sup>12</sup> Hodge, *Systematic Theology*, 1:51-53.

c. Deve ser evidente que a fé é inerentemente racional. Sua própria natureza exige isso.<sup>13</sup> Além do mais, uma vez que a fé em Cristo é auto-comprometimento com a verdade, necessariamente seu conteúdo ou aquilo que é crido corresponde à realidade, bem como é consistente ou não-contraditório. Assim, preenche os requisitos dos dois primeiros testes da verdade (as teorias da correspondência e da coerência da verdade). Lembre-se, é-nos dito que somos salvos porque cremos na verdade (veja, e.g., João 18:37; 2 Timóteo 2:13), e que, por outro lado, aqueles que não crerão na verdade estão perdidos (veja, e.g., 2 Timóteo 2:10-11).

### 3. Conformação

Nós devemos conformar os nossos pensamentos e vidas à revelação de Deus. Mas não podemos fazer isso sem empregar a lógica. Por exemplo, nós não podemos dizer que “Cristo é Deus e não-Deus” ou que “nós pecamos e não pecamos”.

#### G. Pensadores Cristãos Remetendo ao Ponto de Vista Bíblico Sobre a Lógica

1. Diversos pensadores cristãos influentes resumiram bem o ensino bíblico sobre a lógica. Eu gostaria de citar alguns deles (em adição às notas prévias de Charles Hodge) para uma posterior conformação.

2. Por exemplo, Carl F.H. Henry lembra: “... As Escrituras afirmam que Deus é a fonte e o fundamento da razão e da verdade, e que a *imago Dei* na qual Ele criou e mantém a humanidade inclui as capacidades racionais e morais.”<sup>14</sup> Henry também escreve com critério:

As leis da lógica não são um pré-julgamento especulativo fixado num dado momento da história na forma de um desenvolvimento filosófico transitório. Nem implicam uma forma ocidental de pensar, ainda que Aristóteles possa tê-las estabelecido de forma ordenada. As leis da inferência válida são universais; são elementos da *imago Dei*. Na Bíblia a razão tem valor ontológico. Deus é em si a verdade e a fonte da verdade. O Cristianismo bíblico assume o *Logos* de Deus como a fonte de todo o significado, e considera as leis do pensamento um aspecto da *imago*... A abordagem pluralista em favor das religiões do mundo, hoje, freqüentemente advoga a necessidade de se reformar o Evangelho em outra coisa que não “as formas de pensamento ocidentais” e em “lógicas” não-ocidentais, como se a lógica fosse uma invenção aristotélica. Tal ênfase geralmente relativiza a teologia cristã, substituindo-a por uma filosofia não-bíblica com aparência de missão cristã.<sup>15</sup>

3. R.C. Sproul, John Gerstner e Arthur Lindsley igualmente notam:

“Biblicamente, a contradição é a marca registrada da mentira. Sem esse teste formal de falsificação, as Escrituras (e quaisquer outros escritos) não teriam meios de distinguir a verdade da falsidade, a retidão da maldade, a obediência da desobediência, Cristo do anticristo.”<sup>16</sup>

Sproul, Gerstner e Lindsley também declaram corretamente (contra o pós-modernismo):

“A lei da não-contradição, enquanto pressuposição ou pré-requisito necessário para a vida e o pensamento, não é arbitrária nem subjetivista. É universal e objetiva. O que é subjetivo e arbitrário é a sua negação temporária e forçada.”<sup>17</sup>

4. Arthur Holmes responde:

“... a lei da não-contradição é uma condição universal ao pensamento inteligível. A famosa ‘prova negativa’ de Aristóteles mostra isso por reclamar que a pessoa que nega a lei pratica a sua negação no discurso. Declarações ininteligíveis podem ser possíveis sem ela, como falar de um círculo quadrado, mas declarações ininteligíveis dificilmente qualificam-se como reflexão ou discurso inteligível. Onde é ignorada essa lei da lógica, toda lógica e inteligibilidade se foram.”<sup>18</sup>

Holmes também ressalta:

<sup>13</sup> Para um tratamento das crenças trans-rationais ou trans-lógicas, mas não irracionais ou ilógicas, veja 3:75-84 of Hodge's *Systematic Theology*.

<sup>14</sup> Carl F.H. Henry, *Towards a Recovery of Christian Belief* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1990), 107.

<sup>15</sup> *Ibid.*, 110. Também veja a 80.

<sup>16</sup> Sproul, R.C., John Gerstner, and Arthur Lindsley. *Classical Apologetics*, 82.

<sup>17</sup> *Ibid.*, 80. Também veja de 72-82.

<sup>18</sup> Arthur F. Holmes, *Contours of a World View* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), 48. Veja também 51, 52, 131.

“O pensamento está sujeito às leis da lógica, pois eu não posso me contradizer e falar com sentido, sem falar em construir uma linha válida de um argumento. Boa lógica é uma das dádivas de Deus, e é essencial para o pensamento neste e em qualquer outro mundo.”<sup>19</sup>

5. Por último consideramos a visão de Agostinho:

“A natureza real das conclusões lógicas não é arranjada pelos homens; antes, eles examinaram e tomaram conhecimento dela, e assim se tornaram aptos a estudar ou ensiná-la. Isso é eterno na ordem das coisas, e divinamente ordenado.”<sup>20</sup>

## 8. As Quatro Leis Primárias da Lógica

Enquanto muitas pessoas falam acerca da lógica (e freqüentemente como se pudessem fazê-lo sem usá-la), ao menos as seis letras da palavra em português – lógica, não muitos realmente conhecem ou entendem o que é lógica – ou o que é designado por alguns –, as quatro leis ou postulados da lógica. Assim, para ajudar-nos a compreender e a entender melhor a natureza e a necessidade da lógica, quero examinar ao menos brevemente as quatro leis ou postulados primários da lógica.

### A. A Lei da (Não-) Contradição

1. O primeiro dos princípios fundamentais da lógica é a lei da (não-) contradição. Ela diz que nenhuma declaração (proposição, asserção etc) pode ser verdadeira e não-verdadeira – falsa – (e.g., A não pode ser não-A) ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Por exemplo, não pode ser verdadeiro e não-verdadeiro (ao mesmo tempo e no mesmo sentido) que uma pessoa é e não é cristã. Declarações tais como essa são falsas.

2. Assim, qualquer declaração ou proposição que assevere que é verdadeira e não-verdadeira (falsa) ao mesmo tempo e no mesmo sentido é em si mesma falsa. A não pode ser não-A ao mesmo tempo e no exato mesmo sentido; ou qualquer declaração que estabeleça que A é não-A (ou  $p \ \& \ \sim p$ ) ao mesmo tempo e no mesmo sentido é falsa.

a. Trata-se um princípio primeiro (ou auto-evidente) do pensamento ou epistemologia. Uma pessoa deve usá-lo a fim de refutá-lo.

b. Negá-lo é como dizer “Eu não posso dizer uma palavra em português.”

c. Uma pessoa não pode *não* usá-lo (lógica ou ontologicamente).

d. A distinção entre aplicá-lo a uma declaração, visão, pessoa ou grupo, e não aplicá-lo, é em si baseada nessa lei.

e. Todas as declarações são sem sentido a menos que a lei seja verdadeira.

f. A distinção entre verdadeiro e falso baseia-se nesse princípio.

g. Falando em termos práticos, uma pessoa não pode viver no mundo real sem esse princípio. Tente cruzar a estrada enquanto nega o princípio (e.g., o caminhão que está e não está ali!).

### B. A Lei do Terceiro Excluído

1. A segunda lei fundamental da lógica é a lei do terceiro excluído.

2. A lei da (não-) contradição diz simplesmente que A não pode ser igual a não-A (ou  $p \ \& \ \sim p$ ) ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Mas ambos poderiam ser, digamos, “ambíguos”, isto é, nem verdadeiro nem falso – simplesmente nenhum deles em particular – mas não necessariamente verdadeiro ou falso.

3. No entanto, a lei do terceiro excluído refere-se a “A ou não-A”, isto é, uma proposição ou declaração é verdadeira *ou* falsa – ela precisa ser uma coisa ou outra (e não ambígua)! Assim, uma proposição ou declaração precisa ser verdadeira ou falsa.

4. Exemplo: Mateus 12:30

### C. A Lei da Identidade

1. A terceira lei fundamental da lógica é chamada de lei da identidade.

2. Ela diz que  $A=A$ , ou que “*se uma declaração é verdadeira, então é verdadeira.*”<sup>21</sup>

3. Exemplo: Cristo é Cristo (e não não-Cristo)

4. Importância: Doutrina sólida *versus* Cultos/Oculto: Cristo é Cristo (i.e., o Cristo da Bíblia: plenamente divino – Deus o Filho, a segunda pessoa da Trindade – e

<sup>19</sup> Holmes, 131.

<sup>20</sup> Agostinho, como citado em Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 103.

<sup>21</sup> Copi, *Introduction to Logic*, 306.



plenamente humano) e não não-Cristo (e.g., o Cristo da Bíblia não é o(s) “Cristo(s)” dos cultos e/ou do oculto).

5. Assim, podemos ver a importância da lei da identidade.

6. Ainda que essa lei devesse parecer muito óbvia, não precisando ser mesmo mencionada por conta dessa obviedade, *no entanto* essa lei básica da lógica é muitas vezes violada (e.g., por pessoas cometendo o que se chama de falácia dos quatro termos, <sup>†</sup> ou outras falácias de ambigüidade).

#### D. A Lei da Inferência Lógica ou Racional

1. A quarta lei fundamental da lógica é a lei da inferência lógica ou racional.

2. Um exemplo, ou forma de expressá-la, seria: “se A=B, e B=C, então A=C.”

3. Importância: Todo conhecimento dedutivo racional ou não-axiomático.

4. Exemplo-chave: A Trindade

a. Ainda que o termo *Trindade* (do latim) não seja encontrado na Bíblia, o conceito claramente está!

b. Veja, por exemplo, Deuteronômio 6:4; Efésios 1:3; João 1:1; 20:28; Atos 5:3-4; e Marcos 12:29-30.

c. Veja também João 2:19-21; Romanos 8:11; 1 Pedro 3:18; 1 Tessalonicenses 1:10; e Atos 2:24, 32; 4:10 e 17:30-31.

E. Essas quatro leis fundamentais representam a essência da lógica, sendo vitais a todas as discussões ou argumentos coerentes ou inteligíveis. Não importando como possa tentar – em qualquer sentido inteligente –, uma pessoa não pode deixar de usá-las (e.g., mesmo quando tenta argumentar contra as leis da lógica).

### 9. Exemplos da Importância da Lógica (e de não ser ilógico)

#### A. A Técnica do *Reductio ad Absurdum*

1. João 1:1-3

2. Filipenses 2:5-11

#### B. Falácias de Ambigüidade

É o uso de uma palavra (termo) ou frase com dois ou mais significados.

1. Exemplo: Leia Jesus diariamente.

2. Exemplo: Jesus é triúno.

3. Exemplo: O cético cético.

### 10. Exemplos de Reivindicações Auto-Refutáveis

#### A. Charles Kraft: Conclusões culturalmente condicionadas

1. Charles Kraft comenta: ... há sempre uma diferença entre a realidade e as percepções humanas (modelos) culturalmente condicionadas dessa realidade. Nós assumimos que existe uma realidade “lá fora”, mas as construções mentais (modelos) dessa realidade em nossas mentes é que são mais reais a nós. Deus, o autor da realidade, existe além de toda cultura. Os seres humanos, por outro lado, estão sempre presos a condicionamentos psicológicos, culturais, subculturais (incluindo os disciplinares) para perceber e interpretar o que vêem da realidade segundo esses condicionamentos. Nem o Deus absoluto, nem a realidade criada [por Deus] são compreendidos de forma absoluta por seres humanos presos à cultura.<sup>22</sup>

2. Se tomarmos seriamente a declaração de Kraft, ela também se aplica ao(s) seu(s) próprio(s) entendimento(s) da realidade, sendo culturalmente condicionada. Assim, por que deveríamos ouvi-lo? Suas visões são aqui auto-refutáveis.

#### B. O Princípio da Verificação

1. O que é agora razoavelmente bem conhecido, mas representa, no entanto, um exemplo clássico de reivindicação auto-referencialmente refutável, é o assim chamado princípio da verificação do movimento filosófico do positivismo lógico, que foi defendido por muitos intelectuais de renome neste século. Como Carl F.H. Henry sucintamente colocou: “Os positivistas lógicos postulam que somente as premissas verificáveis pelos dados dos sentidos podem ser significativas ou verdadeiras. Mas neste caso a própria premissa – em si mesma empiricamente não-verificável – não

<sup>†</sup> N. do T.: Quatro termos são usados para deduzir erroneamente um quinto.

<sup>22</sup> Charles H. Kraft, *Christianity in Culture* (Maryknoll, NY: Orbis, 1979), 300, como citado em Stephen B. Bevans, *Models of Contextual Theology* (Maryknoll, NY: Orbis, 1992), 2.

pode ser considerada significativa ou verdadeira.”<sup>23</sup> Assim dá-se a conseqüente desconsideração do princípio da verificação.

C. W.V.O. Quine: “Nenhuma declaração é imune à revisão.”

1. O famoso filósofo da ciência W.V.O. Quine, com sua teoria do “holismo pragmático”, reivindicou que “nenhuma declaração é imune à revisão.” No entanto, se essa declaração é verdadeira, também não é imune à ou da revisão. Uma revisão dela é que “algumas declarações são imunes à revisão.” Mas isso contradiz a reivindicação original de Quine. Ela é auto-refutável.

D. As Visões de Correção .... Larry Laudan's Nonself-correcting Views

1. Larry Laudan, autor, entre outras obras, de *Progress and Its Problems* e *Science and Values*, apresenta diversas idéias auto-refutáveis. Por exemplo, Laudan alega que a visão de Charles Sanders Peirce, que a ciência é auto-correcional, é “simplesmente incorreta” e usa exemplos da história da ciência numa tentativa de provar que Peirce está errado.<sup>24</sup> No entanto, Laudan tem dito que “Determinações de verdade e falsidade são irrelevantes para a acessibilidade ou busca por teorias [científicas] e tradições na pesquisa.”<sup>25</sup> Mas, baseado em sua própria teoria, Laudan se contradiz ruidosamente. Isto é, se a questão da verdade ou falsidade é irrelevante às teorias científicas, então de acordo com a própria teoria de Laudan, Peirce não pode estar “simplesmente incorreto”, nem pode ser esse o caso das outras pessoas ou teorias que Laudan *corrige*.<sup>26</sup> De fato, muitos dos escritos de Laudan são “correções” do que ele entende como incorreto ou (ousado dizer?) teorias científicas  *falsas*. Assim, algumas das visões-chave de Laudan são auto-refutáveis.

E. William Lane Craig compartilha um caso exemplar de reivindicação auto-refutável:

Ou considere a alegação que “Deus não pode ser descrito por proposições governadas pela Lei da Contradição.” Se essa proposição é verdadeira, uma vez que descreve Deus, não é em si mesma governada pela Lei da Contradição. Portanto, é igualmente verdade que “Deus pode ser descrito por proposições governadas pela Lei da Contradição.” Mas então que proposições são essas? Deve haver algumas, pois o místico oriental está comprometido com a verdade dessa reivindicação. Mas se ele formula alguma reivindicação, imediatamente refuta sua alegação original de que não existem tais proposições. Sua reivindicação, portanto, o compromete com a existência de contra-exemplos que refutam a própria reivindicação...<sup>27</sup>

F. Algumas das visões de B.F. Skinner, Sigmund Freud, Ludwig Feuerbach e muitos outros pensadores reconhecidos são auto-refutáveis.

## 11. Outras Falácias Divertidas

A. Aidan Kelly: “todas as verdades são meras metáforas.”

1. A declaração é tomada como verdadeira (do contrário Kelly não a teria feito). Ela é tão-somente uma metáfora? Isto é, não deve ser entendida literalmente. Portanto, não é literalmente verdade que “todas as verdades são meras metáforas”? Mas isso contradiz a declaração original.

2. A reivindicação de Kelly deve ser entendida metaforicamente, não-metaforicamente, ambas as coisas, ou nenhuma delas?

a. Se ela é apenas metaforicamente verdadeira, então não é literalmente verdade que “todas as verdades são meras metáforas.” Assim, a declaração é falsa. Pior, é auto-refutável, realmente absurda.

b. Se ela é não-metaforicamente (literalmente) verdadeira, a própria declaração é apenas uma metáfora. Então não é literalmente verdade que “todas as verdades são meras metáforas.” Assim, novamente, a declaração é falsa.

<sup>23</sup> Henry, 52. Veja também James F. Harris, *Against Relativism: A Philosophical Defense of Method* (Chicago: Open Court, 1992), 6, 114, 195 (nota 12); e Nash, *Worldviews in Conflict*, 84-85.

<sup>24</sup> Harris, 169.

<sup>25</sup> Harris, 169.

<sup>26</sup> Larry Laudan, como citado em Harris, 168.

<sup>27</sup> William Lane Craig, "Politically Incorrect Salvation," em *Christian Apologetics in the postmodern World*, ed. por Timothy R. Phillips e Dennis L. Okholm (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995), 80. Ainda que eu aprecie em grande medida a seção de Craig e outros aspectos do livro, não o recomendo.

c. Dizer que ela seria metaforicamente e não-metaforicamente verdadeira (eu coloco esta opção não porque seja possível, mas porque alguns neo-pagãos pensam assim), ainda seria falsa, de fato, auto-refutável.

d. Apenas no tocante ao argumento, se o intuito era que a declaração não fosse metaforicamente nem não-metaforicamente verdadeira, então por que alguém a faria?

e. Esse tipo de reivindicação no melhor dos casos é falso, e no pior, absurdo, pois é auto-refutável. Os comentários de Aidan Kelly sobre a realidade resultam no absurdo.

B. “Toda verdade é relativa” ou “não há verdades absolutas”. “Absolutamente não existem absolutos!”

1. Joseph Campbell, pós-modernismo, e muitos outros.

2. “Há uma coisa de que um professor pode estar absolutamente certo: quase todo estudante que entra na universidade crê, ou diz crer, que a verdade é relativa” (Alan Bloom, *The Closing of the American Mind*, 25).

3. “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem das trevas luz, e da luz trevas; e fazem do amargo doce, e do doce amargo! Ai dos que são sábios a seus próprios olhos, e prudentes diante de si mesmos!” Isaías 5:20-21

4. Edgar Sheffield Brightman (um antigo professor de filosofia na Universidade de Boston) disse “Num universo onde Cristianismo e ciência cristã são verdadeiros, não temos um universo, mas um hospital psiquiátrico cósmico!”

5. Joseph Campbell:

Joseph Campbell, em *The Power of Myth*, diz “... Aquele que pensa ter encontrado a verdade última está errado” (55). No entanto, ele repetidamente apresenta o que acredita ser verdade última, como a sua crença numa divindade amoral e impessoal. Isso é como “Aquele que pensa que sabe, não sabe.” Hã?

6. “Não há verdade última ou qualquer que seja.”

Então essa declaração é verdadeira? Como poderia ser? Ela estaria se contradizendo. Além disso, se toda verdade fosse relativa, esta declaração também o seria. Logo, ela também significaria que “Há verdade última ou qualquer que seja” (pelo menos em alguns casos). Oops!

C. Não ‘ou’

Primeiro, por exemplo, alguns neo-pagãos contrapõem declarações ‘ou’ (e.g., A ou não-A), preferindo proposições ‘e’ (e.g., A e não-A). Um exemplo é Sue crê ou não crê em bruxaria.

1. No entanto, a distinção ou preferência entre proposições ‘ou’ em oposição a proposições ‘e’ é em si uma proposição ‘ou’. É uma proposição ‘ou’ que em efeito alega não usar proposições ‘ou’, mas ‘e’. Assim, pessoas que difundem essa noção estão usando a própria distinção a qual supostamente se opõem.

2. Segundo, se tentamos aplicar com consistência essa recomendação, deveríamos e não deveríamos usar declarações ‘ou’, uma vez que todas as proposições, incluindo “não use declarações ‘ou’” precisariam ser modificadas a proposições ‘e’. Oops!

3. Terceiro, mais dois exemplos vêm de William Dymess, *Learning about Theology from the Third World*.<sup>28</sup> Dymess lembra que: “Em geral, ressaltam os pensadores indianos, os padrões de pensamento ocidentais são fundamentalmente dualistas [i.e., baseados na lei da (não-) contradição], e, portanto, a análise é o método fundamental do pensamento crítico. Os padrões orientais favorecem os métodos não-dualistas, e assim, os pensamentos tendem a ser sintéticos.”<sup>29</sup> Dymess segue adiante e menciona S.J. Samartha e seu livro, *The Hindu Response to the Unbound Christ*, como um exemplo disso. Dymess também escreve:

Há aqueles que argumentam que esses padrões orientais de pensamento são invioláveis e que o Cristianismo precisa adaptar-se completamente a eles. Jung Young Lee argumentou que na Ásia nós devemos abrir mão do pensamento nos termos de ‘ou’; precisamos ser capazes de pensar nos termos de ‘e’. Mudança, ele crê, pode ser a chave para o universo, e a ambigüidade e as diferenças seriam tão-somente um reflexo das facetas da realidade. No pensamento chinês

<sup>28</sup> William A. Dymess, *Learning about Theology from the Third World* (Grand Rapids: Zondervan, 1990).

<sup>29</sup> *Ibid.*, 131.

tradicional, yin e yang são tidos como modos complementares do ser... Ele busca aplicar isso à sua visão de Deus...<sup>30</sup>

D. “Todas as verdades são meias-verdades.”

Outro exemplo de uma suposta verdade reveladora que é auto-refutável é trazido por Laurie Cabot: “... todas as verdades são meias-verdades; tudo contém o seu oposto; os extremos se encontram; e todo par de opostos pode ser reconciliado. Saber disso é a chave para fazer o universo trabalhar por você...”

1. Se todas as verdades são meias-verdades, isso inclui a própria declaração, que se supõe verdadeira. Ela também seria uma meia-verdade. Assim, ela é apenas uma meia-verdade? Ou é verdadeira e falsa? Qual metade da proposição é verdadeira?

2. Ou ela é falsa na metade do tempo e verdadeira na outra? Assim, em cinqüenta por cento do tempo a proposição não é verdadeira. Disso resultaria que em aproximadamente cinqüenta por cento do tempo todas as verdades não são meias-verdades. Mas isso contradiz a declaração original, que “todas as verdades são meias-verdades”.

3. Além do mais, se “tudo contém o seu oposto”, assim como “os extremos se encontram”, isso incluiria a própria declaração. Portanto, realmente “todas as verdades são meias-verdades” e “todas as verdades não são meias-verdades”.  
Oops!

E. Essas declarações são auto-contraditórias, auto-refutáveis. São absurdas!

## 12. O Desafio Para Mim e Para Você

A. 1 Coríntios 10:31 (NVI)

“Assim, quer vocês comam, bebam [ou pensem] ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”

B. 2 Coríntios 10:3-5 (NVI)

“Pois, embora vivamos como homens (grego: ‘na carne’), não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas (grego: ‘carnais’); ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”

C. Marcos 12:29-31! †

Fonte: [www.apologeticsinfo.org](http://www.apologeticsinfo.org)

<sup>30</sup> Ibid., 140-41.

† “Respondeu Jesus: ‘O mais importante é este: Ouve, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças. O segundo é este: Ame o seu próximo como a si mesmo’. Não existe mandamento maior do que estes’.”